

# Utopias americanas: alteridade e cidadania nas cidades de Salvador e Montreal, em Jorge Amado e Yves Thériault\*

Humberto Luiz L. de Oliveira

*Resumo:* Este trabalho, na linha dos estudos comparativistas, busca rastrear discursos enunciadores da cidade em textos narrativos de dois escritores americanos: Jorge Amado e Yves Thériault. Esses autores, inscritos na tradição do realismo e fortemente ancorados na cultura popular, trazem ao texto literário a imagem da cidade como personagem e cenário da trama romanesca, espaço privilegiado onde o herói, numa clara reatualização da epopéia, vai sinalizar a possibilidade de refundação de novos pactos sociais. Dessa forma, suas narrativas rompem com a visão da cidade apreendida como inferno e sofrimento das massas e ressignificam os conceitos de “identidade”, “utopia”, “migração”, “etnia” e “nação”.

*Résumé:* Ce travail, dans la tradition des études comparatistes, cherche d'identifier les discours énonciateurs de la ville dans des récits de deux écrivains américains : Jorge Amado et Yves Thériault lesquels ancrés sur la culture populaire apportent à leurs récits l'image de la ville,- soit comme personnage, soit comme décor de la trame romanesque,- tout en la rehaussant en tant qu'espace privilégié dont le héros, dans une reactualisation de l'épopée, signale pour la possibilité de refondation de nouveaux pactes sociaux et, de cette façon, ces auteurs essaient de rompre avec la vision de la ville en tant qu'enfer et souffrance pour les masses humaines, et resignent les concepts d'identité, utopie, migration, ethnie et nation.

---

\* Resultado de uma pesquisa que desenvolvo, uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no VI Congresso Internacional da ABECAN, *Transculturalismos*, em Porto Alegre, em novembro de 2001.

“A *Genildo*, sob a luminosa imagem do arquétipo do *Guerreiro*.”

Neste trabalho, intento rastrear discursos enunciadores da cidade nos textos narrativos de dois escritores inscritos na tradição do realismo, ambos fortemente ancorados na cultura popular e na linguagem oral. De Jorge Amado, tomarei *Jubiabá* (1935) e, de Yves Thériault, *Aaron* (1954), deixando claro que a metodologia da literatura comparada e também a dos estudos culturais, por seu caráter multi ou transdisciplinar permitem-me ousar propor comparações, ainda, entre as diferenças e não apenas entre as similitudes (PAGEAUX, 1987; BERND, 1992; GIROUX, 1997).

Compreendo, no entanto, que, mesmo entre as aparentes diversidades, residem pontos de articulação que necessitam ser estabelecidos, evidenciados para que se possa desvelar a rede de articulações que compõem o universo. E talvez seja essa uma das principais tarefas do pesquisador contemporâneo.

É importante lembrar que tenciono, também, ressignificar o conceito de “utopia”, evitando o uso recorrente no imaginário ocidental e que um certo pensamento dito pós-moderno soube desconstruir. Contudo, o questionamento pertinente e relevante que ajuda a desvelar totalitarismos sob a capa de projetos libertadores que o Iluminismo encerraria não me faz renunciar ao “princípio de esperança”, que se constitui nessa “imaginação da visão avançada com seu concreto intento utópico em criar um mundo melhor, [devendo ser] distinguida da pura fantasia, ou da ‘utopia abstrata’, segundo Ernst Bloch” (WALTER, 2001: b: 19-54).

Outro conceito merecedor de reparos é o de “cidadania”, na medida em que encerraria a própria utopia iluminista, que engendraria as democracias burguesas representativas. Como brasileiro e latino-americano, não poderia desconhecer que cidadania, por seu caráter universalista, encerra não apenas contradições flagrantes, mas sobretudo escamoteia e, dessa forma, legítima exclusões, na medida em que não permite evidenciar as extremas desigualdades no seio das sociedades capitalistas, reduzindo o estatuto da cidadania à condição de consumidor.

No momento em que Amado e Thériault publicam suas narrativas, as cidades de Salvador e de Montreal estão passando por transformações fundamentais, com investimentos na reurbanização de suas áreas, remodelando suas arquiteturas, ampliando as linhas de transportes e recebendo uma face “moderna”, visando-se a prepará-las para uma modernização crescente, que o processo de

desenvolvimento econômico sinalizava.

Grandes massas humanas, tanto no Canadá quanto no Brasil, começavam a deslocar-se no espaço geográfico, migrando do campo para a cidade, deparando-se com a necessidade de operar com novas categorias e conceitos tais como tempo e espaço, modificando, conseqüentemente, as formas de pensar e sentir de homens e mulheres que passavam a partilhar a experiência da "modernidade", visto que, ser moderno, segundo Berman, implicaria:

- . . encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder-alegria, crescimento, transformação de si e do mundo  
— e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia ... (BERMAN, apud HARVEY 1992: 21).

Em 1935, o Brasil conhece um surto de desenvolvimento econômico, apontando para um processo de modernização implementado pelo Estado Novo, embora permaneça, ainda, com sua face marcadamente rural.

Na Bahia, são acionados os projetos de reurbanização da cidade de Salvador, a fim de prepará-la para receber o tráfico de veículos automotivos necessários à locomoção das pessoas numa cidade que crescia vertiginosamente, pelos contingentes de migrantes que chegavam tanto do interior quanto de outros Estados vizinhos.

Antigos símbolos de um passado colonial seriam arrancados para dar lugar a índices de uma modernidade ansiosamente buscada: a Catedral da Sé é demolida para dar lugar aos trilhos que vão conduzir o bonde elétrico, cortando o coração da cidade, o seu centro financeiro e econômico.

Cidade-mãe da brasilidade, espaço fundador da nacionalidade, primeira Capital, construída pelo colonizador português cioso da sua estratégica localização, Salvador se ressentiria da perda de poder e prestígio políticos com a transferência da sede da capital para o Rio de Janeiro e, posteriormente, para Brasília, além de ressentir-se, também, da falta de um parque industrial que contrabalançasse o poderio do Centro-Sul.

Uma espécie de orfandade política recobriria a aura dessa urbe (PACHECO, 1999). Buscando compensações para a pobreza

econômica e para a “traição política” a que fora relegada a cidade primordial, uma *minorité agissante* procuraria cantar as belezas e prazeres, as vantagens e razões de se morar em Salvador. Jorge Amado, escritor nascido no interior do Estado da Bahia, mas, que ainda criança, migrara para a capital do Estado, tornar-se-ia o seu mais famoso divulgador dentro e fora do Brasil.

Espaço fundador da canadianidade, a região do Quebec conservaria a aura de uma tradição ancestral, sempre remetendo ao mito das origens, quando a *Nouvelle-France* era, então, o Canadá inteiro e vivia sob o domínio francês. De pequeno entreposto para o comércio de peles, Montreal, pouco apouco, iria ocupar um papel destacado no cenário geopolítico canadense, graças a sua estratégica localização geográfica, que a tornaria a principal porta de entrada do comércio intercontinental o que a faz, por algum tempo, capital do País.

Yves Thériault, que sempre colocaria em dúvida a capacidade de as organizações sociais serem capazes de garantir a felicidade individual, pois seriam geradoras de opressão, na medida em que, para assegurar o bem-estar da coletividade poderia as liberdades individuais (BERUBÉ, 1980), em *Aaron*, tece elogios generosos a essa cidade, que, nas primeiras décadas do século XX conhecia um surto de desenvolvimento econômico, que seria interrompido apenas após a II Grande Guerra, quando outros centros, como Toronto e Vancouver atrairiam os investimentos financeiros de grande parcela do empresariado (GERMAIN, 1992).

Com pressa de ingressar na modernidade, tomadas pela “febre de modernidade” que se constitui numa “necessidade histórica” das economias nacionais sob a batuta do capitalismo internacional, as populações de Salvador e Montreal, como as de centenas de outras cidades, em diferentes locais do globo, vêem-se compelidas a seguir em direção a um futuro marcado pela idéia de “progresso”, com seus símbolos e rituais, todos querendo “atualizar-se”, pois cada indivíduo procura revelar-se conectado com a moda, submetendo-se ao” seu arbítrio, tanto no sistema consuetudinário geral quanto no vestuário ou nas esferas estéticas da vida...

(HELLER, 1970:90)

A narrativa de *Jubiabá* (1935) abre-se com a cena da luta de boxe entre o negro Baldo e o alemão Ergin, sob os olhares de outros negros, brancos e mulatos que torciam por Antonio Balduino, que já “derrubara o adversário duas vezes “(JB, p. 15).

A vitória do herói negro e o fato de ele ser carregado nos

ombros pela maioria dos homens ali presentes conferem ao ato do personagem um sabor de vitória e domínio sobre a cidade, vitória ou vingança que, de algum modo, o narrador parece indicar ao leitor no capítulo seguinte denominado: *Infância remota*, que tem como protagonista o mesmo Antonio Balduino, então menino, negro e órfão, criado pela tia Luiza, vendedora ambulante de mingaus:

*Antônio Balduino ficava em cima do morro vendo a fila de luzes que era a cidade embaixo. Sons de violão se arrastavam pelo morro mal a luz aparecia. [...] vivia metido num camisolão sempre sujo de barro, com o qual corria pelas ruas e becos enlameados do morro, brincando com os outros meninos da mesma idade. Apesar dos seus oito anos, Antonio Balduino já chefiava as quadrilhas de molecotes que vagabundavam pelo Morro do Capa Negro e morros adjacentes. Porém de noite não havia brinquedo que o arrancasse da contemplação das luzes que se acendiam na cidade tão próxima e tão longínqua. Se sentava naquele mesmo barranco à hora do crepúsculo e esperava com ansiedade de amante que as luzes se acendessem. Tinha uma volúpia aquela espera, parecia um homem esperando a fêmea. Antonio Balduino ficava com os olhos espichados em direção à cidade, esperando. Seu coração batia com mais força enquanto a escuridão da noite invadia o casario, cobria as ruas, a ladeira, e fazia subir da cidade um rumor estranho de gente que se recolhe ao lar~ de homens que comentam os negócios do dia e o crime da noite passada. (JB, p. 18-19)*

Primeiro escritor brasileiro a alçar à condição de herói positivo um personagem negro, Jorge Amado faz do seu Antonio Balduino uma reatualização do herói épico, capaz de, ao realizar a grande e árdua travessia, com seus perigos e armadilhas, tomar-se senhor de si próprio e, assim, de estar apto a contribuir para salvar da degradação a sua coletividade, no caso a comunidade do Morro do Capa Negro, habitado majoritariamente pelos negros e mestiços ou por brancos pobres, e onde predomina a herança afro-brasileira com seus ritmos, sons, cores e ritos religiosos, com seu rico imaginário.

O Morro do Capa Negro é a região periférica, zona de

confinamento, condenada à exclusão, distanciada de outro mundo que lhe é dado como oposto, ou antagônico, o da cidade, espaço proibido aos negros, aos mestiços, aos pobres, excluídos de toda espécie.

Essa ruptura entre duas zonas distintas, uma rica e luminosa, outra pobre e sombria, encontra paralelo na situação analisada por Frantz Fanon, quando descreve as características da cidade colonial:

*A zona habitada pelos colonos não é complementar da zona habitada pelos colonizados. Estas duas zonas se opõem, mas não em função de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, obedecem ao princípio da exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos é demais. A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro.[...] É uma cidade saciada, indolente, cujo ventre está permanentemente repleto de boas coisas. A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros (1979: 28-29).*

O papel reservado a Balduino é o de, ao preço da própria segurança pessoal e integridade moral, realizar a travessia, possibilitar a comunicação entre os dois mundos e, dessa forma, estabelecer relações. E, a cidade, como espaço privilegiado pela natureza, constitui-se, ao mesmo tempo, em cenário e em personagem dessa narrativa, funcionando como adjuvante do herói.

Sabendo explorar a geografia espacial da cidade, a generosidade do escritor indica ao leitor o que seriam transgressões “naturais” possibilitadas pela própria cidade, com seus aclives e declives, e, também, pela deliberada estratégia de valorizar a cultura de origem afro-brasileira: do “alto”, mesmo se no “morro”, espaço socialmente desprestigiado, a criança contempla, observa e domina com o olhar a cidade, localizada em baixo.

Num jogo literário em que se revela exímio mestre, Amado parece brincar com as antinomias, sem deixar, com as tintas fortes esperadas de um militante, de destacar, no texto narrativo, a dura e cruel realidade à qual se condenavam todos os moradores do morro, inclusive ao abordar, também de modo inaugural, a situação das crianças pobres:

*Muitos dos garotos trabalhavam também. Eram*

*engraxates, levavam recados, vendiam jornais. Alguns iam para casas bonitas e eram crias de famílias de dinheiro. Os mais se estendiam pelas ladeiras do morro em brigas, correrias, brincadeiras. Esses eram os mais novinhos. Já sabiam do seu destino desde cedo:*

*cresceriam e iriam para o cais onde ficavam curvos sob o peso dos sacos cheios de cacau, ou ganhariam a vida nas fábricas enormes. E não se revoltavam porque desde há muitos anos vinha sendo assim: os meninos das ruas bonitas e arborizadas iam ser médicos, advogados, engenheiros, comerciantes, homens ricos. E eles iam ser criados destes homens. Para isto é que existia o morro e os moradores do morro. Coisa que o negrinho Antonio Balduíno aprendeu desde cedo no exemplo diário dos maiores. (JB, p. 39)*

A revolta de Antonio Balduíno o leva a fugir, aos 15 anos de idade, da casa burguesa onde fora entregue como “cria” de um rico português, e passará a ser o “Imperador da cidade”, liderando outros menores — dessa forma, oscilando entre a mendicância e a marginalidade; da submissão à violência como forma de resistência, transitará livremente pela cidade, até então proibida aos que moravam no morro.

Rompendo os limites espaciais, o personagem transgride pela violência, recurso jamais negado aos que se sentem humilhados e ofendidos, aviltados sob o peso da opressão.

Saindo da zona de confinamento, Balduíno atravessa a ponte invisível que o leva à cidade do colonizador, com suas riquezas, com sua pujança proibida. E, ao explorar o trajeto realizado pela personagem, o narrador evidencia sua visão amorosa da cidade:

*Antonio Balduíno agora era livre na cidade religiosa da Bahia de Todos os Santos e do pai de santo .Jubiabá. Vivia a grande aventura da liberdade. Sua casa era a cidade toda, seu emprego era corrê-la. O filho do morro pobre é hoje o dono da cidade. Cidade religiosa, cidade colonial, cidade negra da Bahia. Igrejas suntuosas bordadas de ouro, casas de azulejos azuis, antigos sobradões onde a miséria habita, ruas e ladeiras calçadas de pedras, fortes velhos, lugares históricos, e o cais, principalmente o cais, tudo pertence ao negro*

*Balduíno. Só ele é dono da cidade porque só ele a conhece toda, sabe de todos os seus segredos, vagabundeou em todas as suas ruas, se meteu em quanto barulho, em quanto desastre aconteceu na sua cidade. Ele fiscaliza a vida da cidade que lhe pertence. Esse é seu emprego. Olha todos os seus movimentos, conhece todos os valentes da cidade, vai às festas líricas, recebe e embarca os viajantes de todos os navios!...]. Come a comida dos restaurantes mais caros, anda nos automóveis mais luxuosos, mora nos mais novos arranha-céus. E pode se mudar a qualquer momento. E como é dono da cidade não paga a comida, nem o automóvel, nem o apartamento. (JB, p. 87 –grifos meus)*

Para quebrar as antinomias, para romper o círculo de ferro da exclusão, Jorge Amado não pode deixar de sinalizar o uso da violência como uma das condições limites dos revoltados.

Assim, o menino de rua apropria-se, pela força, da cidade, do espaço até então interdito e que será transfigurado pela alegria de viver dos que habitam o morro, apesar da pobreza, e pela solidariedade como nova postura a ser implementada na remodelagem da cidade, que passa a ser palco não mais apenas da exclusão, mas da articulação de laços de fraternidade entre os homens, graças a Antonio Balduíno, que soube ultrapassar as fronteiras dos rígidos limites da raça, propondo articulações com a cultura e a classe social.

É também a revolta pela situação de excluído, de despossuído que leva outro adolescente, em outra cidade, só que aberta para o rio, outra cidade colonial, no outro lado da mesma América, a transgredir os espaços geográficos e sociais na narrativa *Aaron*, de Yves Thériault que tem como protagonista um personagem homônima.

Com *Aaron* (1954) –que, ao lado de *Bonheur d’Occasion*, de Gabrielle Roy, se constitui num romance eminentemente urbano, tendo Montréal como cenário e *locus* privilegiado da trama romanesca (MAILHOT, 1980) – Yves Thériault reafirma sua opção de povoar seus textos narrativos com personagens representativos de grupos sociais ou culturalmente periféricos ou marginalizados:

*Bien avant que l' 'institution littéraire québécoise ne s' 'intéresse à l' 'Autre, aux Autres, aux minorités parmi nous et à toutes les formes d'écriture migrante maintenant à la mode, Yves Thériault marchant de son propre pas, au rythme qui était le sien, avait tracé le parcours et marqué le territoire. (MAJOR, 2000: 256).*

Aaron cresce numa Montreal multiétnica, e que a narrativa evidencia ao nomear as diversas nacionalidades dos seus habitantes: portugueses, alemães, canadenses... de língua francesa, judeus, poloneses... No entanto, carregando consigo marcas demasiadamente acentuadas de uma etnicidade judia, ele vã-se condenado a seguir a tradição representada por seu avô, que, temendo o contato como estrangeiro, o diferente ou impuro, faz do *cul-de-sac* onde mora, sua trincheira, na qual busca se defender dos signos e símbolos da metrópole.

O velho Moishe, pleno de recordações, vergado sob um presente carregado de lembranças, numa memória ameaçada de fragmentar-se ante o confronto de novas realidades, novas paisagens e novas, olha sem ver e sem ouvir a cidade à sua frente:

*Chaque soir maintenant le vieux se tenait devant la fenêtre largement ouverte. [...] Au long du jour~ la cohue des véhicules s' 'était disputé la rue. Puis venait le crépuscule et cette brise pourtant étouffante, depuis longtemps dépouillée de ses odeurs de sapins et de grande monta gne mais, en retour, pleine des fumées d'usines et des puanteurs de la grande étuve. Alors les trottoirs se mettaient à grouiller. Parents, enfants, la multitude des troglodytes cherchant répit à l' 'immense poids du jour; ce qui avait été la pétarade des villes modernes se muait en un son nouveau, masse tonitruante, hurlante: sorte de symphonie hystérique de rires gras, de cris d'enfants, de klaxons, de moteurs, de sirènes d'ambulances. Impassible à la fenêtre, Moishe regardait sans voifr écoutait sans entendre... (AA, p. 7)*

À tradição, como apego ao passado, que engendra a imobilidade e a repetição, à busca da identidade confirmada representada pela figura do velho judeu ortodoxo, o narrador vai contrapor a figura do adolescente, que, ao realizar a transição entre

o passado e o presente, aponta para um futuro complexo por sua multifacetagem, mesmo que angustiante pela multiplicidade de escolhas a serem feitas não sem conflitos.

Aaron deverá traçar seu caminho com a atitude de confiança e entrega que a vida espera dos que não temem a abertura para o Outro, dos que operam a “tradução”, em que as relações estão em contínua movência e precariedade, numa” flutuação no jogo das hierarquias”, com a identidade sendo assegurada não pela repetição dele, mas por confrontação com o Outro, uma vez que “é uma exploração de suas fronteiras, espaço que deve ser compreendido, não apenas como [a] linha que separa dois territórios, mas esse lugar pleno, no entrecruzamento dos dois e que pode ser habitado...”

(GERVAIS, 2001: 217)

A cidade comparece, então, como lugar privilegiado para a transmutação, para a nova reconfiguração identitária. Uma cidade que, apesar ter seus índices de progresso evidenciados sem omissão dos aspectos negativos que provocam uma degradação do meio ambiente e da qualidade de vida, conserva, por outro lado, uma característica fundamental que a dota de um caráter todo particular

- o Mont Royal:

*cette montagfle sauvage, conservée intacte, oà nul véhicule n'a accès à moins qu'il ne soit tiré par les chevaux, et qui se dresse en piem centre de la grande ville de deux millions d'âme. [...] Symbole de la sauvage grandeur du Canada. Symbole des forêts immenses, des montagnes au Nord, de cette mame lle féconde, nourricière des villes de béton, de piastique et d'acier qui gitent au rives des iacs, au coeur des plaines et le iong des fie uves. Contraste canadien, puissance industrieie qqui doit cha que battement de vie à un soussol encore à demi exploré, à la grande énergie des eaux mnépuisabies dévalant de cent et milie montagnes désertiques, à des forêts si grandes que tout calcul se refuse à y dénombrer les arbres, eux aussi source de richesse. (AA, p. 62)*

E, se o personagem Moishe se considera explicitamente deslocado na cena urbana, por simbolizar os que, presos numa forte etnicidade, temem a contaminação da alteridade, apreendem a diferença como distúrbio e condenação, doença ou maldição, é,

no entanto, graças às suas crenças arraigadas que ele impulsionará o destino do jovem.

De fato, tomando o Mont Royal como metáfora dos montes sagrados, o avô aconselha e empurra o neto para explorar a “montanha”, espaço tido por ele como sagrado, o “alto” por oposição ao suposto “baixo” representado pela degradação da cidade em sua poluição visual, olfativa e sonora, à asfixiante existência do beco, à pobreza do apartamento, à própria ausência de perspectivas de Moishe.

Contudo, nessas incursões pelo Mont Royal, o adolescente encontrará aquela que lhe fará novas narrativas, novas leituras de mundo, abrindo-lhe as portas para a transgressão que a conquista da cidade representaria.

Na verdade, Viedna incute, no coração e na mente de Aaron, a ambição mundana e, com isso, ele pode lutar contra a condenação à tradição da pobreza como expiação das faltas humanas. Dessa forma, “il avait franchi des portes, [car] ii avait goûté aux vies interdites.” (AA: 114).

Thériault reatualiza a criação de um novo mundo nas Américas ao fazer a releitura do Livro do Gênesis, onde Viedna, essa garota experiente e atormentada pela sua própria experiência, queimando no fogo do seu próprio saber, encarna a Eva primordial, que seduz e leva à transgressão o adolescente judeu, atormentado pelas limitações de um presente marcado por um passado que ele não conheceu.

E, se, por um lado, esse novo Adão, ao provar do fruto proibido, cai em desgraça perante a tradição ortodoxa, por outro lado, nutrido pelo corpo e pelos novos saberes de Viedna, Aaron é capaz de assumir-se como responsável pelo próprio destino, dando início a uma nova história humana num espaço privilegiado da vida urbana.

O elogio da cidade e de Aaron vêm justapostos nos discursos evidenciados no texto narrativo: ao romper com o avô e desaparecer, o narrador realça as cores e as luzes e sons de uma cidade mergulhada na primavera, que a deixa florida e encantadora, plena de alegrias e convidativa aos prazeres da carne e que, além do mais, acaba de ser purificada pelas águas das chuvas torrenciais:

*Montréal reverdie, ses arbres déjà lourds de bourgeons gras, semblait en proie à quelque ardente fièvre. Jamais les filies n'y avaient été aussi beïies, les hommes aussi désinvoltés. [...] (AA: p. 134)[...] Ses pas iui menèrent rue*

*Saint Laurent, vers un restaurant faussement hongrois où il mangea et but avec d'autres Juifs émancipés comme lui. Le spectacle de variétés était plaisant [...] À travers les sanglots d'un orchestre gémissant une chanson tzigane, ii entendit — parce que les sons furent puisés à la même source, et que rien ne change qui n'a d'abord été nourri de la grande clameur juive montant des sables brûlantes jusqu'aux oreilles du Père — les sanglots de Moïse, et ii voulut en oublier jusqu'aux accents mêmes, jusqu'à la cause dont on lui imputait la responsabilité, alors qu'il n'avait voulu que pour se choisir un destin.* (AA, p. 124-5)

Na Montréal intercultural, onde o diferente não causa mais surpresa ou constrangimento, Aaron, o perpetuador, o que anuncia os novos tempos, se por um lado, recusa as marcas acentuadas que o fariam destoar da multidão de desiguais, por outro lado, abandonando a etnicidade, aceitando partilhar com os demais a condenação do anonimato, lançando ao ar suas raízes, simboliza o homem contemporâneo, o homem agônico que, “para abrir espaços a novos monumentos, reduz a ruínas o que outros construíram. Dotado de memória, não esquece a lição de passadas gerações.[...]sendo construtor, orgulha-se da liberdade de dizer não à tradição quando lhe convém...” (SCHÜLLER, 1995: 15).

## Conclusão

Percebendo as profundas transformações já operadas ou em processo nas cidades que lhes eram caras, Jorge Amado e Yves Thériault buscam recriar no texto narrativo, a cidade das letras, pois, como esclarece Rama:

*Quando a cidade real muda, se destrói e se reconstrói sobre novas proposições, a cidade das letras encontra a conjuntura favorável para incorporá-la à escritura e às imagens que como sabemos- estão igualmente datadas, trabalhando mais sobre a energia desatada e livre do desejo que sobre os dados reais que se inserem no canhão ideológico para proporcionar a cor real convincente. (1985: 99)*

Para tecerem o elogio à cidade que cada um vê como especi

ai e particular, elegem figuras representativas de grupos sociais ou politicamente considerados desprestigiados, alçando-as à condição de heróis positivos, portadores de valores que supõem a postulação de uma transcendência (BROCHU, 1992).

Numa reatualização do universo épico, inserem seus heróis em novos e deslumbrantes cenários criados pela modernidade: a cidade, que comparece como palco, cenário e personagem de novos conflitos que precisam ser reconfigurados.

Antônio Balduino ou Aaron, ambos podem ser usados como os novos heróis americanos que, no labirinto dos grandes espaços urbanos, empreendem novas lutas contra os velhos monstros da intolerância, sob novas roupagens.

Observe-se, também, que o novo herói tem feição distinta dos demais, na medida em que *migrante*, sua identidade não poderia estar assegurada por repetição de si mesmo, mas por confrontação com o outro, por complementaridade, constituindo-se no transitório, no precário, no efêmero e na singularidade.

E, ao introduzirem a liberdade no destino de seus personagens, Jorge Amado e Yves Thériault evidenciam para o leitor a recusa ao imobilismo e convidam-no a procurar estabelecer laços de solidariedade e de pertencimento no plano da coletividade, escondidos no jogo perturbador do transitório e do fugidio da vida da cidade.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. *As Bahias possíveis*. São Paulo: UNICAMP, 1999. (Tese de Doutorado).
- BÉRUBÉ, Renald. 35 ans de vie littéraire: Yves Thériault se raconte. *Voix et Images*. v. 5, n. 2, 1980.
- BROCHU, André. Yves Thériault et le héros contredit. In: GALLAYS, François; VIGNEAULT, Robert (Orgs). *Le roman contemporain au Québec (1960-1985)* Archives des Lettres canadiennes. Québec: Fides, 1992, t 8.
- CONEJO POPLAR, Antonio. In: VALDÉS, Mário J. (Org.) *O condor voa*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador: Fator, 1983.
- FANON, Frantz. Culture et racisme. *Présence africaine*. Paris: Sorbonne, v. 8 n. 10, out. 1957.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

- FIGUEREDO, Eurídice; SANTOS, Eloína Prati dos (Orgs) *Recortes transculturais*. Rio de Janeiro: EDUF/ABECAN, 1997.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- FORGET, Danielle; OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de. *Imagens do Outro: Leituras divergentes da alteridade. Feira de Santana: UEFS/ABECAN, 2001.*
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GERMAIN, Annick. Trois cent cinquante ans d' adolescence. In: BOIVIN, Robert; COMEAU, Robert. (Orgs). *Montréal: l'oasis du Nord*. Paris: Autrement, 1992.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Tradução por Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1998.
- GIROUX, Henry. A importância dos estudos culturais. *Os professores como intelectuais*. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas: 1997.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- KATAM, NaXm. Culture: spécifité et mouvement. *Possibles*. Montréal: v. 24 , n. 4, autoinne 2000.
- KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia crítica. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MAILHOT, Laurent. Postface. In: TLIÉRIAULT, Yves. *Aaron*. Québec: Typo, 1995.
- MAJOR, Robert. La ville d' Yves Thériault. In: Yvan G. LEPAGE; MAJOR, Robert. *Croire à l'écriture* (Org.). Orléans: Les Editions David, 2000.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem feita. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- OLI VIER, Emile. La lutte contre la racisme au fondement de la perspective interculturelle. *Possibles*, Montréal: v. 24, n. 4, automne 2000.
- PEARSON, Carol S. *O despertar do herói interior*~ Tradução de Paulo César de Oliveira. São Paulo: Pensamento, 1998.
- THÉRIAULT, Yves. *Aaron*. Québec: Typo, 1995.